

Antiga, função que o ocupou de 1911 a 1937, e de primeiro presidente da Academia Nacional de Belas-Artes (1932-1937).

A reorganização que promoveu do Museu Nacional de Arte Antiga e os estudos que realizou, assim como os debates que fomentou sobre a pintura portuguesa do século XV e início do século XVI, então mais conhecida como a produção dos «Primitivos Portugueses», são o reflexo evidente dos seus interesses e preocupações. Em causa estava, sobretudo, a defesa e divulgação de um *corpus* pictórico que considerava original e de importância inegável. Desta tomada de posição resultou tanto a realização de exposições, de que destacamos *L'art portugais de l'époque des grandes découvertes au XX siècle* (1931), como de estudos considerados ainda hoje marcos absolutos: *Algumas Palavras sobre a Evolução da Arte em Portugal* (1908), e *O Pintor Nuno Gonçalves* (1910).

A especial atenção que dedicou aos painéis atribuídos a Nuno Gonçalves – o Políptico de São Vicente de Fora –, espelhou-se igualmente ao nível do restauro a que a obra foi sujeita em 1909, numa intervenção que ficou a cargo de Luciano Freire e que Figueiredo acompanhou a par e passo. O resultado foi apresentado em 1910, ano em que o historiador e crítico de arte publicou o seu estudo e em que foi criada a Comissão de Inventário e Beneficiação da Pintura Antiga em Portugal, constituída por Ramalho Ortigão, Manuel de Macedo, Luciano Freire, José de Figueiredo e D. José Pessanha.

Do ano seguinte data a resolução de José de Figueiredo em fazer instalar no Museu Nacional de Arte Antiga uma oficina de restauro (provisoriamente mantida no Conselho de Arte e Arqueologia de Lisboa), com vista à beneficiação das obras de arte dessa instituição museológica. Será este o início de uma história que levará à criação do Instituto José de Figueiredo em 1965, em homenagem a este vulto maior da cultura portuguesa.

A. C.

Luciano Freire (1864-1934)

Nasceu em Lisboa em 11 de Julho de 1864.

Tinha paixão pelo mar, mas considerando-se fisicamente débil, acabou por optar pelos estudos de Pintura na Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, onde realizou o curso preparatório ou geral (1878-1882) e o curso de pintura histórica (1882-1886), tendo Silva Porto e Simões de Almeida como professores que apreciou. Em 1885 começou a 'trabalhar em liberdade', fora da 'tutela escolar', realizando desenhos e gravuras para revistas. Depois de participações em diversos concursos de pintura, que considerou viclados e nos quais não ganhou qualquer prémio, e, sobretudo, após uma estadia de dois meses em Paris, ganhou relevância a sua carreira de pintor e integrou o Grémio Artístico no ano da sua criação, em 1891. Em 1895 foi convidado para vogal efectivo da academia de que não gostara como estudante e rapidamente se tornou professor (1896-1934). Da obra de pintura que foi desenvolvendo, destaca-se sobretudo um quadro, *O Perfume dos Campos*, de 1899, o qual, ainda que «ridículo, sem dúvida» (J.-A. França), e alvo da chacota, entre outros, de um Filho de Almeida, constitui um documento único da entrada do Simbolismo na pintura portuguesa.

Graças a alguns restauros que, como autodidacta, já tinha efectuado, os primeiros ainda nos tempos de estudante, Freire ficou, em 1903, com a responsabilidade de superintender a esses trabalhos na academia. Essa actividade, porém, só ganhou importância em 1909, quando lhe foi atribuído o restauro dos Painéis de São Vicente de Fora que, entretanto, estavam a ser estudados por José de Figueiredo. Durante os meses que durou a empreitada (1909-1910), o seu atelier no Convento de São Francisco transformou-se em local de peregrinação de personalidades e estudiosos que foram dando conta dos milagres da recuperação da obra e da postura de dedicação e sacrifício do restaurador, ainda que depois de concluído o trabalho algumas vozes o tenham acusado de abusivas alterações dos painéis. Foi nesse ambiente de quase misticismo que, ainda em 1909, foi encarregado, pela academia, da conservação das pinturas pertencentes a colecções públicas, especialmente dos séculos XV e XVI. Com a ajuda de ajudantes e discípulos, entre os quais Fernando Mardel, restaurou algumas centenas de obras, entre as quais as mais importantes pinturas de diversos museus portugueses, como o de Arte Antiga. Aceitou esses trabalhos, como escreveu, «mal pensando em que labirinto me ia meter, e quanto isso me reduziria como pintor».

Foi nomeado director do Museu Nacional dos Coches em 1911 e durante muitos anos desempenhou um importante papel na direcção do Museu Nacional de Arte Antiga, substituindo o director José de Figueiredo que com frequência se ausentava.

Faleceu em 28 de Janeiro de 1934. Num jornal do dia seguinte, foi descrito como «hirsuto, rabugento, sincero até à violência, mas humano até à emoção das lágrimas».

A. J. C.

José Maria da Silva Pessanha (1865-1939)

Tratavam-no por D. José Pessanha, acentuando a sua ascendência nobiliárquica que sempre quis manter mesmo durante a Primeira República, regime com o qual colaborou nas instituições artísticas, na defesa e conservação dos monumentos e na própria crítica à indiferença oficial, tal como o seu amigo Ramalho Ortigão. O seu espírito democrático contemporizador e a sua intrínseca humildade científica e ética permitiram-lhe trabalhar, desde 1911 a 1932, no interior das estruturas artísticas criadas pelo Decreto de 26 de Maio de 1911, ao mesmo tempo que mantinha uma posição crítica e construtiva independente, quer em relação às decisões colectivas dos próprios órgãos oficiais quer na afirmação de outras alternativas autónomas da cidadania artística.

Natural de Lisboa. Nasceu no seio de uma importante família da nobreza oitocentista. Era filho de D. Sebastião da Silva Pessanha e de D. Ermelinda Luísa Martin. Tirou o curso superior de Letras em Lisboa e depois o curso de bibliotecário arquivista. Em 1887, ingressou no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, como amanuense, onde chegou a conservador. Destacou-se no Grémio Artístico, por causa da sua posição crítica ao restauro dos Jerónimos. Quando Francisco de Sousa Viterbo ficou impedido de leccionar na Escola de Belas-Artes de Lisboa, iniciou a sua actividade de professorado nesta instituição, encarregando-se da cadeira de História da Arte (1904), ascendendo a professor efectivo a partir de 1908. Uns tempos antes, José Pessanha integrou o movimento de reforma da Academia (1901), ao lado de José de Figueiredo e Luciano Freire, sendo um dos principais líderes da renovação do seu papel na